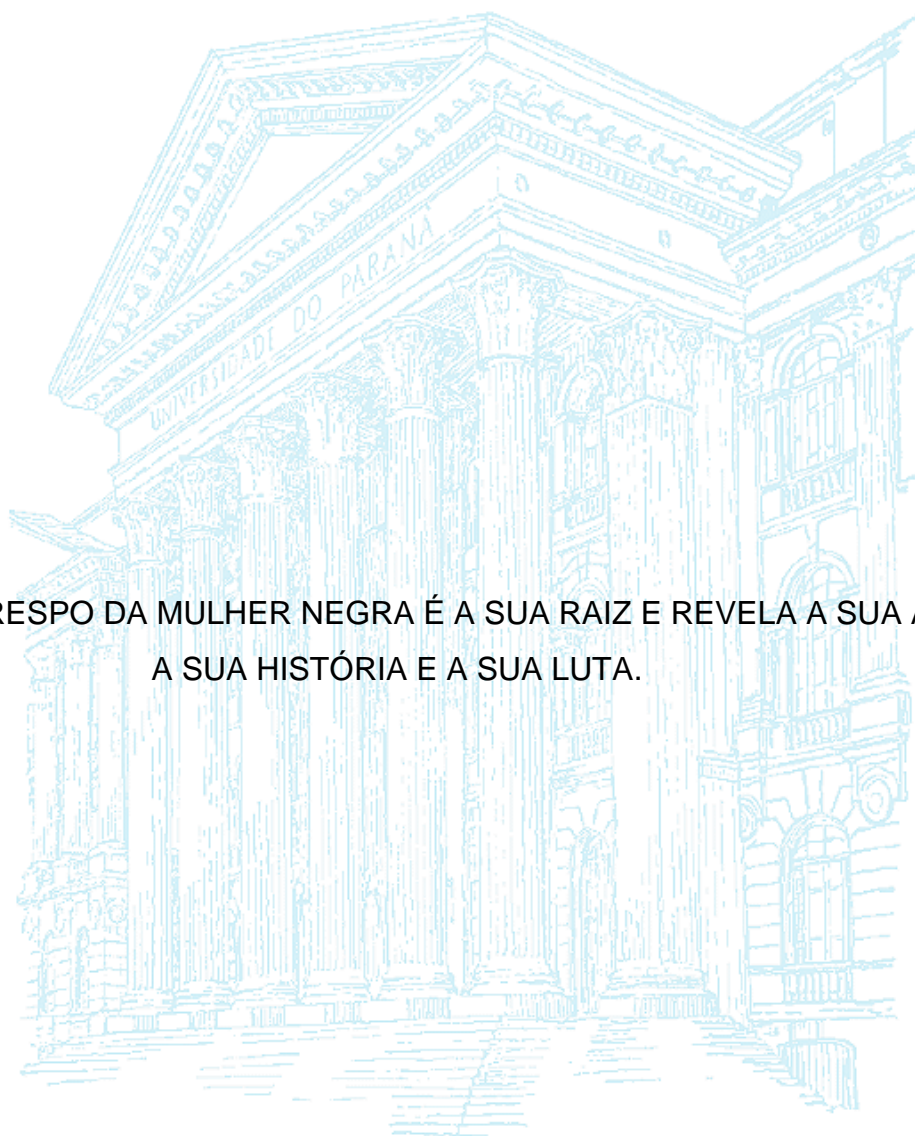


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-  
RACIAIS

---

FRANCISNÉIA SADELLI AFONSO

O CABELO CRESPO DA MULHER NEGRA É A SUA RAIZ E REVELA A SUA ALMA,  
A SUA HISTÓRIA E A SUA LUTA.

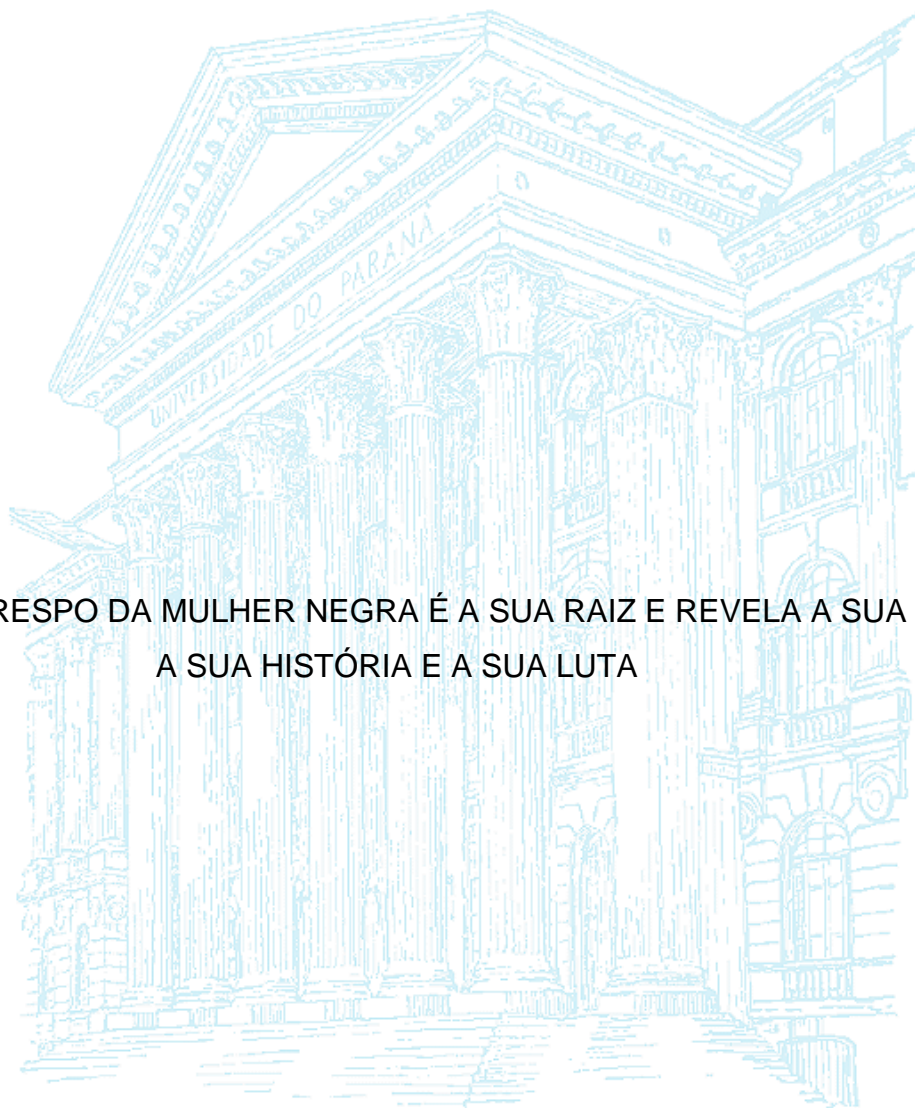


Curitiba, 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-  
RACIAIS

---

FRANCISNÉIA SADELLI AFONSO



O CABELO CRESPO DA MULHER NEGRA É A SUA RAIZ E REVELA A SUA ALMA,  
A SUA HISTÓRIA E A SUA LUTA

Trabalho apresentado como exigência parcial para conclusão do curso de Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais, sob orientação da Prof<sup>o</sup> Ms. Neli Gomes da Rocha.

Curitiba, 2015

## TERMO DE APROVAÇÃO

FRANCISNÉIA SADELLI AFONSO

O CABELO CRESPO DA MULHER É A SUA RAIZ E REVELA A SUA ALMA, A SUA HISTÓRIA E A SUA LUTA

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais, pela seguinte banca examinadora:

---

Ana Paula Medeiros

---

Lilianny Rodrigues Barreto dos Passos

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha orientadora Neli Gomes Rocha por todo apoio, incentivo e dedicação durante os encontros de orientação, por todo o material disponibilizado, pela convite para participar do evento Afrochic que foi um divisor de águas na minha vida pessoal e acadêmica.

À minha orientadora online Lilianny Rodrigues Barreto dos Passos por me incentivar a pesquisar o tema que realmente despertava meu interesse e me indicar a Neli Gomes Rocha como orientadora.

À minha mãe por todo amor, carinho, cuidado e dedicação, sempre me incentivando a buscar alcançar meus objetivos e não desistir diante dos obstáculos.

Ao meu amor, Guilherme Zawadzki por ser uma pessoa com o pensamento positivo e espírito leve, me apoiar em momentos importantes da vida e sempre declarar palavras que despertam em mim motivação, como por exemplo "Tudo vai dar certo no final."

À minha grande amiga Silvana Maria de Lara, por todos os momentos que compartilhamos assuntos referentes ao curso de especialização, as inquietações do trabalho de conclusão de curso e as peculiaridades da vida pessoal.

Bem pequena a menininha  
Já aprende a se odiar  
Na tristeza, bem novinha  
Seu cabelo quer alisar  
Pois a vil sociedade  
Só repete o disparate  
Para o crespo machucar.

Esse tipo de veneno  
É um mal muito profundo  
Pois mutila a autoestima  
Torna o ódio mais fecundo  
E a menina a se odiar  
Tudo nela quer mudar  
Para se encaixar no mundo.

Cordel – Quem Tem Crespo é Rainha  
Por Jarid Arraes julho 31, 2015 10:

## SUMÁRIO

RESUMO.....	08
ABSTRACT.....	09
INTRODUÇÃO.....	10
METODOLOGIA.....	13
CAPÍTULO 1 O CABELO COMO ELEMENTO IMPORTANTE NO CONJUNTO CORPORAL E NA CONSTRUÇÃO E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA.....	14
CAPÍTULO 2 AFRO CHIC - AUTO ESTIMA E EMPODERAMENTO DA PESSOA NEGRA .....	35
CAPÍTULO 3 A MULHER NEGRA DENTRO DO AMBIENTE PÚBLICO E PRIVADO .....	43
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
5 REFERENCIAS.....	50
ANEXO.....	52

## RESUMO

Este trabalho busca refletir sobre a construção da identidade de pessoas negras a partir da relação de corporeidade, especialmente a ligação com a textura do cabelo crespo. O tema é abordado pelo viés cultural, social e político nos ambientes privado e público, ou seja, familiar e escolar, tendo como referencial a relação dos negros com o cabelo supera o seu significado como apenas uma parte do corpo. Sendo assim, essa relação é considerada uma questão simbólica e social, e implica em uma forma de linguagem, de resistência, de valorização cultural e histórica. Desta maneira três autores foram utilizados para esta reflexão: Nilma Lino Gomes afirmando que o cabelo crespo é um elemento no conjunto corporal que tem extrema relevância para a construção e formação da identidade ressaltando que esse processo se dá na relação do indivíduo com o outro; Kabengele Munanga que trouxe sua contribuição com fatores que compõem a construção da identidade e Anthony Giddens ressaltando que na modernidade o corpo revela um sistema interno de reflexão diante da construção do desenvolvimento corporal e sua relação com a identidade. Para validação do tema foi realizado o estudo de caso sobre o evento denominado Afro Chic, que tem a intenção de reunir pessoas negras, discutir temas sobre corporeidade e como seus atributos podem contribuir para a construção da identidade, a valorização da beleza negra, a desnaturalização do padrão de belo relacionado ao estereótipo não negro e da questão cultural. Desta forma é possível vislumbrar que eventos desta natureza possam fazer parte do ambiente escolar, trazendo para dentro da escola a possibilidade de abarcar junto a comunidade escolar a discussão e o debate sobre o conceito de belo que é vinculado pela sociedade e possibilitando a superação de preconceitos por meio da reflexão sobre a questão étnico racial, vencendo assim o senso comum.

Palavras chave: auto estima; empoderamento; identidade; corporeidade e resistência.

## **ABSTRACT**

This paper seeks to reflect on the construction of the identity of black people from the corporeality of relationship, especially the link with curly hair texture. The theme is approached by the cultural, social and political bias in private and public environments, that is to say, family and school, having as reference the relationship of blacks with hair surpasses its significance as only one part of the body. Thus, this ratio is considered a symbolic and social issues, and implies a form of language, resistance, cultural and historical value. In this way three authors were used for this reflection: Nilma Lino Gomes stating that curly hair is an element in the body set that has great relevance for the construction and identity formation emphasizing that this process takes place in the individual's relation to the other; Kabengele Munanga who brought their contribution to the factors that make up the construction of identity and Anthony Giddens noting that in modernity the body reveals an internal reflection system on the construction of the body development and its relationship to identity. To issue the validation was carried out case study about the event called Afrochic, which intends to bring together black people, discuss topics on corporeality and how their attributes can contribute to the construction of identity, the appreciation of black beauty, the denaturalization of beautiful pattern related to the non-black stereotypes and cultural issue. Thus it is possible to see that such events may be part of the school environment bringing into the school the opportunity to embrace together the school community discussion and debate about the concept of beauty that is bound by society and making it possible to overcome prejudice by through reflection on racial ethnic question thus overcoming common sense.

Key words: self esteem, empowerment, identity, corporeality and endurance



## INTRODUÇÃO

A relação das pessoas negras com o cabelo é um tema que sempre me interessou, no ano de 2013 iniciei um curso de extensão em Educação para as Relações Étnico Raciais, o que trouxe várias inquietações sobre o tema. Neste, havia um módulo sobre a mulher negra e algumas relações com o corpo, mas nada relacionado ao cabelo. Ao saber da existência do curso de especialização em Educação para as Relações Étnico Raciais, vislumbrei uma excelente oportunidade de aprofundar o conhecimento dentro do assunto, a princípio iria pesquisar a forma como o negro é representado no livro didático, mas era um tema pouco interessante para suprir as minhas inquietações.

Durante uma aula com a tutora online<sup>1</sup>, a turma começou a debater sobre os projetos de pesquisa, relatei a minha intenção em pesquisar os livros didáticos, mas comentei que queria mesmo era pesquisar a relação do negro com a estética e especificamente a sua relação com o cabelo, a tutora me incentivou a pesquisar o que realmente gerava interesse.

Este despertar ao tema desta pesquisa inicia-se pelas minhas primeiras memórias e minha relação com o meu cabelo. Desde a infância, na relação com minha mãe falando que o meu "é cabelo difícil de arrumar", pelo fato de ter herdado características fenotípicas africanas paternas, na concepção materna era fácil "arrumar o cabelo", quando este estava curto era sinônimo de cabelo "arrumado". Minha mãe dizia: "Eu tento arrumar seu cabelo, mas ele embaraça demais, e quando termino de um lado, o outro já está cheio de nó, e o que é mais difícil e que você não fica quieta e não para de chorar." Minha mãe sempre falava "que o meu cabelo não tinha jeito a forma mais fácil seria mesmo cortá-lo." Este relato de experiência na verdade visa ilustrar a realidade em muitas famílias brasileiras e não culpo a minha mãe por esta atitude, pois na sua concepção era a melhor forma de cuidar do meu cabelo.

---

<sup>1</sup> Lilianny Rodrigues Barreto dos Passos é a tutora online do curso de Educação para as Relações Étnico Raciais da Instituição Cipead Neab da Universidade Federal do Paraná. A professora é graduada em História pela UFSM, possui especialização em Ensino de História pela UFPR, é professora da rede pública estadual e atualmente trabalha na SEED, no departamento de diversidade na coordenação da Educação das Relações e Diversidade Étnico - Racial.

Ainda recorrendo às memórias pessoais, aos doze anos de idade mantinha o cabelo curto, e como falava a minha mãe "fácil de manter arrumado", mas ao chegar na adolescência o que eu queria era ter o cabelo comprido e poder deixá-lo solto, igual aos das minhas colegas de escola. Recordo que na minha escola eu era uma das poucas meninas com cabelo curto. E é nesta fase que começam as comparações mais cruéis, "é difícil ser diferente e querer se encaixar aos moldes não negros, tentar se parecer com os outros". Eu me questionava muito "porque não havia herdado os traços físicos próximos a matriz materna", com fenótipo que gerava cabelos lisos, quando na verdade o meu fenótipo se assemelhava a minha matriz paterna com cabelos crespos.

A lembrança dos comentários que depreciavam o meu cabelo crespo, denominações de "cabelo ruim", "cabelo duro", "cabelo armado", "cabelo de Bombril" era o mais complicado, assim como soltá-los. Desta forma passei pelo período da adolescência com o cabelo preso. Tipo de preconceito que acaba gerando uma sensação de que algo em você precisa mudar para se adequar à sociedade, sendo que na verdade, o que eu precisava "era gostar do meu cabelo como ele é, me aceitar, reconhecer o meu valor e assumir a textura do cabelo", como algo inerente ao fenótipo herdado da matriz paterna de origem africana.

Ao participar de um evento chamado Afro Chic<sup>2</sup>, que segue na contramão do senso comum<sup>3</sup> de estereótipos e preconceitos, pois valoriza a beleza negra e suas formas de cuidados específicos com os cabelos crespos, usar turbantes e trabalha a autoestima negra e feminina, foi possível perceber que a minha aflição de infância era comum a de várias outras mulheres participantes, os mesmos anseios, preocupações, e que tinham passado em algum momento de suas vidas pelas mesmas situações de preconceito e discriminação que afetam de forma tão profunda a auto estima e a formação da identidade das mulheres negras, o que provoca um sentimento de inferioridade.

---

<sup>2</sup> Afrochic é um evento realizado com a intenção de promover por meio da relação com a estética e o cabelo a valorização da mulher negra e a elevação da auto estima, pois o espaço feminino é carregado de vaidade, e neste sentido forma de apresentação da aparência são importantes no processo que gera auto confiança e auto estima, afinal o ser humano se reconhece na relação com o outro. Organizado por mulheres negras, jovens empreendedoras e seus produtos e serviços voltados para a valorização da beleza negra. Coordenado pelo salão Deby Tranças sob a responsabilidade da trançadeira Débora Pereira.

<sup>3</sup> De acordo com o autor BOAVENTURA (1989) o senso comum é uma forma de conhecimento falso, uma forma de opinião que necessita de conhecimento científico para se romper, para contestar o que é posto como conhecimento baseado em senso comum.

Neste sentido o objetivo deste trabalho é apresentar uma breve discussão sobre a relação dos negros com o cabelo crespo, especificamente as mulheres negras, o impacto da discriminação das características fenotípicas, cor da pele e textura do cabelo na formação da autoestima e da identidade, o caminho percorrido até o processo de empoderamento e as implicações que ocorrem dentro da família e da escola.

## METODOLOGIA

A análise sobre o tema a identidade negra, gênero e corporeidade, autoestima e empoderamento<sup>4</sup> se dá por meio da compreensão das mulheres negras e a relação com o seu corpo e cabelo crespo dentro dos espaços públicos e privados, neste trabalho foi representado pelo contexto escolar e familiar. Para atingir o objetivo proposto a pesquisa se dá com um levantamento bibliográfico de autores como Nilma Lino Gomes, Anthony Giddens e Maria Silva Bento. Em diálogo com a pesquisa teórica foi feito o estudo de caso com o intuito de abordar a valorização da autoestima negra, o evento Afro Chic colaborou para a organização dos conceitos levantados durante a pesquisa bibliográfica.

O objetivo deste trabalho é apresentar uma breve discussão sobre a relação dos negros com o cabelo crespo, especificamente as mulheres negras, o impacto da discriminação das características fenotípicas, cor da pele e textura do cabelo na formação da autoestima e da identidade, a distância percorrida até o processo de empoderamento e as implicações que ocorrem dentro da família e da escola.

---

<sup>4</sup> De acordo com Djamila Ribeiro o termo empoderamento transcende a questão do reconhecimento do indivíduo enquanto detentor de poder, capaz de agregar conhecimentos de possibilitem seu crescendo como pessoa e seja capaz de agir reflexivamente . Significa se comprometer com a luta pela equidade, não é uma causa individual e sim coletiva, na busca pelo fortalecimento de outras mulheres, formando uma consciencia dos problemas e a possibilidade de criar mecanismos para resolvê-los. No caso da mulher negra o empoderamento gera em sua vida reconhecimento de valor e pertença as suas raízes de origem africana, carrega em seu cerne a auto estima elevada. "Quando uma mulher empodera a si tem condições de empoderar a outras."

## **1 O CABELO COMO ELEMENTO IMPORTANTE NO CONJUNTO CORPORAL E NA CONSTRUÇÃO E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA.**

Segundo MUNANGA (2009) para se falar em identidade é preciso mostrar a diversidade contextual, e levar em consideração fatores que influenciam na construção da identidade e da personalidade coletiva como o fator histórico, o fator linguístico e o fator psicológico. "A identidade cultural perfeita corresponderia à presença simultânea desses três componentes no grupo ou no indivíduo." (Munanga, 2009, p.12) Neste sentido o autor analisa qual o nível de influencia que cada fator possui na formação da identidade, seja o fator histórico, o fator linguístico ou o fator psicológico.

De acordo com MUNANGA (2009) deve-se levar em consideração que o fator histórico possui papel de suma importância, pois carrega elementos diversos de um povo e o sentimento de continuidade vivido pelo conjunto da coletividade, que faz a ligação entre cada povo e seus ancestrais, colaborando assim para a construção de uma relação de segurança. Essa é a razão pela qual um povo se esforça para conhecer a sua história e transmitir às futuras gerações. Por esse motivo, durante a escravidão e a colonização uma das estratégias usadas para dominação era o afastamento e a destruição da consciência histórica para destruir a memória coletiva.

Segundo o autor, citado acima, o fator linguístico<sup>5</sup> se conservou, pois a língua materna africana se manteve viva no campo religioso, como uma linguagem esotérica usada para comunicação entre pessoas e seus orixás, sendo assim é considerado fator de identidade. Foram criadas outras formas de manifestação da comunicação como estilos de cabelos, penteados e estilos musicais que são considerados marcas que somam-se aos fatores linguísticos. E por fim algumas comunidades rurais de origem africana teriam conservado a linguagem oral e apenas acrescentando algumas expressões da língua portuguesa.

---

<sup>5</sup> O fator linguístico tem características específicas e complexas, no entanto neste trabalho não possível fazer essas abordagens. Neste contexto esta sendo citado neste texto apenas como representação de um fator que tem sua influência na representação e construção da identidade, assim como afirma o autor Munanga.

O fator psicológico era pensado pelos racialistas<sup>6</sup> como diferenciação entre negros e brancos, no entanto sabemos que essa teoria servia apenas para justificar a predominância de uma raça sobre a outra. Sendo assim, pode-se dizer que a identidade de um grupo funciona como uma ideologia que busca a conservação do grupo como identidade, e com isso há possibilidades de ocorrer a manipulação da consciência identitária por uma ideologia dominante em busca de um objetivo separatista. Desta forma MUNANGA (2009) ressalta que "o conceito de identidade recobre uma realidade muito mais complexa do que se pensa, englobando fatores históricos, psicológicos, linguísticos, culturais, político-ideológico e raciais." (Munanga, 2009, p.14)

De acordo com o referido autor para a recuperação da identidade do negro é necessário aceitar os atributos físicos, herdados dos seus ancestrais africanos, pois a percepção corpórea se constitui como um forte elo para a formação da identidade, junto com aspectos históricos, culturais, sociais, políticos e econômicos.

(...) a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e amarelos. A negritude e/ ou identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental "branco" reuniu sob o nome de negros. A negritude não se refere somente à cultura dos povos portadores da pele negra que de fato são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é como parece indicar, o termo negritude a cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas. (MUNANGA, 2009, p. 20)

Ainda segundo MUNANGA (2009) o processo de construção da identidade se dá com a percepção da consciência das diferenças entre nós e outros, e desta maneira acredita que o nível de consciência entre as pessoas de descendência negra não seja homogêneo e sim diferenciado por conta dos contextos socioculturais em que cada indivíduo está inserido.

---

<sup>6</sup> Para Munanga (2009) "a teoria usada pelo grupo racista funciona com uma ideologia que permite a seus membros se definir em contraposição aos membros de outros grupos para reforçar a solidariedade existente entre eles, visando a conservação do grupo como entidade distinta. Mas pode também haver manipulação da consciência identitária por uma ideologia dominante quando considera a busca de identidade como um desejo separatista." (Munanga, 2009, p. 13)

Se o processo de construção da identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre "nós" e "outros", não creio que o grau dessa consciência seja idêntico entre todos os negros, considerando que todos vivem em contextos socioculturais diferenciados. (MUNANGA, 2009, p.11)

Neste sentido, GOMES (2005) afirma que a construção da identidade dos negros se ocorre em diversos espaços que podem ser públicos ou privados, ou seja, em casa, na rua, no ambiente de trabalho, no ambiente escolar, em lugares que proporcionem lazer e intimidade. No entanto o espaço social como o salão de beleza além da transversalidade tem um caráter político e ideológico, como ressalta Gomes.

Além da transversalidade dos outros espaços sociais, os salões étnicos incorporam discussões políticas e, por vezes, ideológicas. Essas expressam-se nos nomes escolhidos pelos estabelecimentos e nas suas propostas de trabalho. Vemos, então, que tais espaços comportam uma ideologia racial, falam do lugar da diversidade étnico/racial e desenvolvem projetos sociais. (Gomes, 2005, p.27)

No entanto, como se pode observar ao longo da história nem sempre foi desta forma. Segundo Tania Aparecida Lopes (2002) foi à partir do século XX que as pessoas conseguiram abertura e liberdade para então fazer modificações corporais. Foi neste século que ocorreu uma expansão de técnicas e produtos que geram a transformação corporal, isso para a população negra e não negra que possui condições de consumo, observando-se uma preocupação com o corpo, cuidados com a alimentação e uso de remédios para atingir os objetivos. Como aponta a autora "A forma como cada indivíduo se produzia contribuía para recriar a imagem que o outro (branco ou negro) construía sobre a etnia e a cultura negra." (Lopes, 2002, p.413)

Foi a adesão a certos modelos de cuidados com o corpo, em particular com o embelezamento e a ornamentação, que fomos delineando a resistência, a acomodação, a ascensão ou a adaptação do negro diante das barreiras e das exigências da sociedade. (Lopes, 2002, p.143)

Neste sentido LOPES(2002) afirma que houve a valorização de determinados padrões de beleza ligados ao conceito de branqueamento e os negros iam em busca desses padrões para se tornar figuras agradáveis para si e para os outros.

Corroborando com a ideia, Iray Carone e Maria Aparecida Silva Bento (2002) nos explicam que a questão do branqueamento no Brasil é com frequência vista como um problema dos negros que não está contente com a sua condição e vai em busca da identificação com os brancos, buscando a miscigenação racial para alterar suas características. No Brasil, o branqueamento é frequentemente considerado como um problema dos negros que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais. (Carone e Bento, 2002, p.01)

Desta forma as pesquisas apontam segundo CARONE e BENTO(2002) que o não negro é visto como um modelo universal de humanidade, na realidade esta questão de branqueamento foi inventada pela elite branca, com o intuito de reverenciar esse grupo como padrão para a espécie humana, reafirmando e fortalecendo a autoestima e o autoconceito do grupo branco e legitimando a supremacia econômica, política e social.

Considerando (ou quiçá inventando) seu grupo como padrão de referência de toda uma espécie, a elite fez uma apropriação simbólica crucial que vem fortalecendo a autoestima e o autoconceito do grupo branco em detrimento dos demais, e essa apropriação acaba legitimando sua supremacia econômica, política e social. O outro lado dessa moeda é o investimento na construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade racial, danifica sua autoestima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justifica as desigualdades raciais. (Bento, 2002, p.25)

Neste sentido a exclusão moral é legitimada pela desvalorização do ser humano que é considerado indigno e, assim, fica suscetível a ser prejudicado ou explorado. Para a autora, “O primeiro passo da exclusão moral é a desvalorização do outro como pessoa e, no limite, como ser humano. Os excluídos moralmente são considerados sem valor, indignos e, portanto, passíveis de serem prejudicados ou explorados.” (Carone e Bento, 2002, p.05)

Por exemplo, o cabelo do negro é historicamente considerado algo ruim, o que denota uma expressão de racismo<sup>7</sup> e conseqüentemente de desigualdade racial, o

---

<sup>7</sup> Toda a discussão sobre o racismo, desde o pós-guerra, consiste em saber se as diferenças entre os corpos dos seres humanos surgem dos genes ou se vêm apenas da aparência externa, é dizer, do fenótipo. De um modo ou de outro, há uma dupla e mútua armadilha, que envolve de uma só vez o discriminador e o discriminado, ao identificarmos-nos com a aparência simbolizada de nossos corpos (independente do que diga a ciência genética sobre essa aparência), como se essa aparência fosse garantia ou evidência de alguma verdade sobre quem somos como seres sociais e morais. (Carvalho, 2008, p.1)



cabelo do não negro é considerado bom, um modelo negado, sendo assim modificar o cabelo para se encaixar no padrão do cabelo do não negro representa uma possibilidade de transformação em busca da superioridade e fuga da inferioridade relacionada ao cabelo dito como "ruim".

Estamos , portanto, em uma zona de tensão. É dela que emerge um padrão de beleza corporal real e um ideal. No Brasil, esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço. O tratamento dado ao cabelo pode ser considerado uma das maneiras de expressar essa tensão. A consciência ou o encobrimento desse conflito, vivido na estética do corpo negro, marca a vida e a trajetória dos sujeitos. Por isso, para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária. (Gomes, 2005, p.21)

Para fortalecer essa ideia, Sayara de Brito Felix (2010), coloca que o padrão social eurocêntrico, baseado no conceito de etnocentrismo<sup>8</sup>, gera um sentimento de inferioridade que faz com que o indivíduo busque a aproximação da imagem do outro. O modelo de cabelo desejado é o cabelo longo e liso, visto que esse é o padrão de beleza aceito pelos membros da elite não negra da sociedade. Essa comparação carrega traços de racismo que acabam por trazer para a vida das pessoas consequências de baixa estima e inferiorização.

CARONE e BENTO (2002) corroboram no sentido de que a discriminação racial é negada ou explicada pela desigualdade legada aos negros pela condição imposta de inferioridade, reforçada pelo ideal de que os negros são feios, maléficos ou incompetentes, resquícios deixados pelo período da escravidão.

Ou bem se nega a discriminação racial e se explica as desigualdades em função de uma inferioridade negra, apoiada num imaginário no qual o "negro" aparece como feio, maléfico ou incompetente, ou se reconhece as desigualdades raciais, explicadas como uma herança negra do período escravocrata. De qualquer forma, os estudos silenciam sobre o branco e não abordam a herança branca da escravidão, nem tampouco a interferência da branquitude como uma guardiã silenciosa de privilégios. (Bento, 2002, p 15)

---

<sup>8</sup> O etnocentrismo é um termo que designa o sentimento de superioridade que uma cultura tem em relação a outras. Consiste em postular indevidamente como valores universais os valores próprios da sociedade e da cultura a que o indivíduo pertence. Ele parte de um particular que se esforça em generalizar e deve, a todo custo, ser encontrado na cultura do outro. (Gomes, 2005, p.53)

Para Nilma Nilo Gomes (2005) a relação entre o racismo, a discriminação e o preconceito racial<sup>9</sup> estão ligadas as características corporais do negro são vistos como um motivo para justificar a inferioridade.

No Brasil, o racismo, a discriminação e o preconceito racial que incidem sobre os negros ocorrem não somente em decorrência de um pertencimento étnico expresso na vida, nos costumes, nas tradições e na história desse grupo, mas pela conjugação desse pertencimento com a presença de sinais diacríticos, inscritos no corpo. Esses sinais remetem a uma ancestralidade negra e africana que se deseja ocultar e/ negar. Além disso, são vistos como marca de inferioridade. A presença desses sinais é rejeitada pelo ideal do branqueamento e tratada de maneira eufemística no mito da democracia racial. (Gomes, 2005, p.32)

Sendo assim, Gomes (2005) ressalta que a formação dessa identidade é construída historicamente e envolvem uma série de mediações que podem variar de cultura para cultura. No Brasil a textura do cabelo e a cor da pele são usados como critério de classificação racial para definir quem é considerado negro e quem é considerado não negro, no entanto é preciso colocar que questões de classe social, como por exemplo, renda e educação também desempenham papel importante na auto identificação.

Não é minha intenção reduzir o complexo sistema de classificação racial brasileiro às impressões e opiniões sobre o cabelo e à cor da pele. Distintivos de classe social, por exemplo, renda e educação, também desempenham papel importante na auto-identificação e nas avaliações subjetivas que governam o comportamento grupal. (Gomes, 2005, p.21)

Desta forma, GOMES (2005) ressalta que o cabelo crespo é motivo de insatisfação para as mulheres negras demonstrando assim contradições e tensões do processo identitário. "Essa revalorização extrapola o indivíduo e atinge o grupo étnico/racial a que se pertence. Ao atingi-lo, acaba remetendo, às vezes de forma

---

<sup>9</sup> O preconceito é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade pois tende a ser mantido sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos. Ele inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro. (Gomes, 2005, p.54)

consciente e outras não, a uma ancestralidade africana recriada no Brasil." (Gomes, 2005, p 22)

Neste sentido o cabelo crespo é, de acordo com GOMES (2005), um elemento de relevância no conjunto corporal e na construção e formação da identidade dos negros.

Ele foi transformado, pela cultura, em uma marca de pertencimento étnico/racial. No caso dos negros, o cabelo crespo é visto como um sinal diacrítico que imprime a marca da negritude no corpo. Dessa forma, podemos afirmar que a identidade negra, conquanto construção social, é materializada, corporificada. Nas múltiplas possibilidades de análise que o corpo negro oferece, o trato do cabelo é aquela que se apresenta como a síntese do complexo e fragmentado processo de construção da identidade negra. (Gomes, 2005, p. 25)

Segundo GOMES (2005), esse processo de rejeição e aceitação é complexo, pois passa pelo viés de como o indivíduo é visto pela sociedade e como se vê enquanto pessoa que tem ou não uma boa relação com seu corpo e seu cabelo, esse processo pode ocorrer de forma consciente ou inconsciente.

Afirmo que o processo de rejeição/aceitação é sutilmente diferente da negação do "ser negro", pois negar-se a si mesmo e ser totalmente ignorado pelo outro representa um processo mais complexo. Já que o reconhecimento do nosso ser e a confirmação de nosso valor podem ser considerados o oxigênio da nossa existência, viver um processo de negação provoca um resultado muito mais danoso à nossa subjetividade e à nossa identidade. (Gomes, 2005, p 130)

GOMES (2005) afirma que o processo de negação faz parte da construção da identidade dos negros que durante a escravidão era visto como uma mercadoria.

O sentimento de negação é um componente do processo identitário do negro brasileiro ao longo da história. Podemos vê-la quando analisamos na relação estabelecida entre escravos e senhores durante o regime escravista, ou seja, o negro era visto como uma coisa e mercadoria e, também, nos dias atuais, quando encontramos negros e mestiços que recusam seu pertencimento étnico/racial, o seu corpo, o seu padrão estético e o seu cabelo, demonstrando a incorporação do ideal do branqueamento. (Gomes, 2015, p 130)

Para GOMES (2005) o racismo<sup>10</sup> pautado na superioridade racial classifica cada individuo de acordo com o seu corpo, e com isso produz uma escala que torna os negros inferiores e cria uma imagem negativa. E neste contexto ocorre um tipo de violência que impregna a vida de suas próprias vítimas, que produz representações negativas dos negros sobre si mesmo e seu grupo étnico/racial. Sendo assim a violência racista proporciona consequências sociais, econômicas e políticas, e principalmente psíquicas. Interfere no campo das escolhas afetivo/sexuais, do desejo e da identidade. (Gomes, 2005, p 131)

Segundo GOMES (2002) os padrões sociais eurocêtricos ditam a forma como os cabelos crespos dos negros devem se enquadrar na sociedade, gerando a necessidade de modificação dos traços físicos. O padrão de beleza estabelecido pela sociedade e pela mídia é a estética das mulheres europeias, e por consequência as mulheres negras têm a sua imagem depreciada.

Foi a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais. (GOMES, 2002, p.42)

Para reforçar essa ideia, LOPES (2002) o discurso em torno de um padrão de beleza eurocêntrico que se percebe os limites e as possibilidades de cuidados com o corpo e o cabelo dos negros com a intenção de transformá-los. Com as críticas às práticas e às representações de uma determinada versão de embelezamento, em busca de um único padrão de beleza, verifica-se os limites e as infinitudes de cuidados com o corpo dos negros. (Lopes, 2002, p.414)

Conforme GOMES (2002) ressalta, o cabelo é algo social, visto como uma forma de linguagem, expressão de resistência social. Então cabe a reflexão sobre a existência de um padrão de beleza que valoriza de forma extrema a “brancura”, em uma sociedade brasileira e miscigenada, se afeta ou não a nossa vida nas diferentes

---

<sup>10</sup> O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira. (Gomes, 2005, p. 52)

instituições sociais em que vivemos. Desta forma, as mulheres negras buscam formas de lidar com o cabelo, aderindo a alisamentos, deixando o cabelo crespo ao natural solto ou usando tranças e turbantes. Como ressalta GOMES 2002:

A relação do homem com o corpo é pautada por um imperioso processo de alteração. Manipular, adornar, alterar, pintar, escarificar, tatuar, cortar são ações que fazem parte da dinâmica cultural e dos diferentes rituais de toda e qualquer sociedade. À medida que o corpo vai sendo tocado e alterado, ele é submetido a um processo de humanização e desumanização. A experiência corporal é sempre modificada pela cultura, segundo padrões culturalmente estabelecidos e relacionados à busca de afirmação de uma identidade grupal específica. (GOMES, 2002, p.42)

A questão da estética para a formação da identidade é relevante na medida em que o corpo faz parte do conjunto de elementos que auxiliam a construção da auto identidade. Como afirma GIDDENS (2002), aspectos da percepção corporal influenciam direta ou indiretamente na formação de identidade.

Sendo assim o grupo de pessoas não negras é colocado na condição de referencia da condição humana, nas situações de desigualdades raciais no Brasil, carregando em si uma carga de silêncio e omissão, quando há a necessidade de mostrar uma referencia humana, o modelo é o não negro. Essa relação possui uma ligação com o narcísico e com um fator de autopreservação, isto porque coloca as pessoas não negras como grupo de referência da condição humana. "Quando precisam mostrar uma família, um jovem ou uma criança, todos os meios de comunicação social brasileiros usam quase que exclusivamente o modelo branco." (Carone e Bento, 2002, p.06)

Para ressaltar essa questão, GOMES (2005) coloca que o mito da democracia racial<sup>11</sup> é usado para disfarçar os conflitos raciais referentes ao tipo de cabelo, no que

---

<sup>11</sup> O mito da democracia racial pode ser compreendido, então, como uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre estes dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento. Esse mito pretende, de um lado, negar a discriminação racial contra os negros no Brasil, e, de outro lado, perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminações construídos sobre esse grupo racial. Se seguirmos a lógica desse mito, ou seja, de que todas as raças e/ou etnias existentes no Brasil estão em pé de igualdade sócio-racial e que tiveram as mesmas oportunidades desde o início da formação do Brasil, poderemos ser levados a pensar que as desiguais posições hierárquicas existentes entre elas devem-se a uma incapacidade inerente aos grupos raciais que estão em desvantagem, como os negros e os indígenas. Dessa forma, o mito da democracia racial atua como um campo fértil para a perpetuação de estereótipos sobre os negros, negando o racismo no Brasil, mas, simultaneamente, reforçando as discriminações e desigualdades raciais. (Gomes, 2005, p. 57)

diz respeito à manipulação e modelo de penteado, com o intuito de camuflar dilemas ligados ao processo de formação da identidade negra.

Assim como o mito da democracia racial é discursado como forma de encobrir os conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação, e o sentido a eles atribuído pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico/racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra. Mas tal comportamento pode também representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo. E ainda pode expressar um estilo de vida. (Gomes, 2005, p.27)

Essa crença fortalece o ideal que as pessoas negras que não conseguem atingir os mesmos patamares sociais e econômicos que as pessoas não negras, teriam como principal motivo o fator de incompetência ou desinteresse, e sendo assim desconsidera-se toda a história de desigualdades da estrutura social, política e econômica que gerou prejuízos a população negra.

Tal processo de construção da identidade, segundo GOMES(2005), baliza o movimento de aceitação e rejeição, que por sequencia se encaixa em um universo de bases históricas, sociais, culturais e políticas.

Apesar do seu caráter específico no que se refere à construção da identidade negra no Brasil, movimento de rejeição/aceitação construído socialmente pelo negro insere-se ainda em um universo mais amplo que inclui dimensões históricas, sociais, culturais, políticas e psicológicas. Ele nos fala da relação de aproximação e afastamento na qual coexistem atitudes opostas. De um ponto de vista cultural, essa distância pode ser vista como a maneira por meio da qual os grupos sociais se reconhecem a si mesmos e aos outros. (Gomes, 2005, p.125)

Com essa imagem negativa dos negros, uma postura de que algo deveria ser mudado é que surgem propostas de modificações na forma de se vestir, na cor da pele e na textura do cabelo.

Era como se a resistência e a dominação negra ficassem expressas nas várias propostas de exposição do corpo emitidas pelos jornais - propostas de embelezamento ligadas ao branqueamento da pele, ao uso de vestimentas da moda, novas e limpas, às maneiras de se comportar em público e nas reuniões familiares e associativas. (Lopes, 2002, p.416)

Nota-se a preocupação central em recomendar cuidados com a aparência dos negros, para que seu cabelo e pele fossem alterados a ponto de se tornar apresentáveis socialmente.

A busca de um salão étnico pode ser vista, então, como uma parte dos atos conscientes e inconscientes desses sujeitos em direção ao reconhecimento como negros. Alterar e/ ou cuidar do cabelo crespo, um dado objetivo do corpo, transformado pela cultura, faz parte desse processo, o qual é cheio de tensões e ambiguidades e por isso comporta vários sentidos que vão desde a busca de penteados que camuflam o pertencimento étnico/racial até aqueles que o destacam ainda mais. Por mais intervenções estéticas que realizem, esses sujeitos sabem que, mesmo apresentando-se alisado, pranchado ou alongado, o seu cabelo sempre será crespo e sempre o remeterá à raça negra. (Gomes, 2005, p.127)

No século XX o cabelo deveria ser menos crespo e ter menos volume e para isso vendedores, salões e alisadeiras anunciavam a pasta e o pente que era aquecido para obter um resultado eficaz e seguro, após manipular o cabelo seria possível a realização de penteados e cortes europeus.

Os jornais funcionavam, assim, como uma espécie de conto publicitário difusor de valores e ideias de beleza fundamental no período estudado. Para ser elegante e moderna, a mulher negra deveria apresentar-se não só de cabelos lisos, mas de cabelos compridos. Aderindo a esse cuidado com a carapinha, a mulher passava a ser considerada bonita. De acordo com a propaganda, o ideal de cabelo da época era criterioso: se a mulher não poderia nem mesmo se exibir de cabelo liso e curto, o homem também não poderia apresentar-se de cabelo liso e comprido. Percebe-se aqui uma íntima associação entre cabelo liso e elegância moderna. Esta associação não poderia deixar de fomentar uma intolerância maior diante dos demais cabelos crespos, comuns entre mulheres e homens negros. (Lopes, 2002, p.418)

Neste sentido é que SANTOS(2011) mostra a formação de um cenário que constrói uma base da sociedade que aceita a imprensa negra que de certa forma aceita a imagem dos negros.

Esse cenário, aos poucos, vai constituindo uma memória, uma base social para a aceitação da imprensa negra que viria a ser criada nos anos noventa, sob a égide plena da argumentação mercadológica. Atrelado a isso, em 1997 a empresa Grottera Comunicação realiza a pesquisa. Qual é o pente que te penteia – o perfil do consumidor negro no Brasil e revelava que o país abrigava uma classe média negra suficientemente grande para motivar uma variedade de negócios. (Santos, 2011, p.64)

Em meio ao discurso da diversidade, segundo SANTOS(2011), na realidade a predominância é de modelos não negros com fenótipos caucasianos que prevalecem na publicidade. A imagem dos negros é veiculada apenas nas propagandas de produtos com recorte étnico racial, como por exemplo xampus e condicionadores para cabelos crespos, desodorantes, hidratantes, maquiagem para a pele negra, ou nas propagandas em que a representatividade afro brasileira é exigida por lei.

O cenário supracitado revela uma lógica na qual o negro e suas representações são mostrados como características negativas, indesejáveis. Em virtude disso, pode-se compreender que o surgimento do mercado de produtos étnicos fez com que essa produção viesse acompanhada da utilização de modelos negros como garotas-propaganda, fator que, de uma maneira ou de outra, não só estimulou o consumo por parte dessa população, mas conseguiu elevar a autoestima da mulher negra. (Santos, 2011, p.65)

As propagandas buscam associar a imagem dos produtos com características aceitas e desejadas socialmente, a pele dos negros era vista de forma negativa, como algo sujo e indesejável pela maioria da população. Desta forma as propagandas tinham como objetivo relacionar os produtos as características desejadas, para gerar interesse no consumidor.

Segundo GOMES (2005), a preocupação com a aparência na atual sociedade é algo considerado normal, no entanto quando se trata do cuidado ligado a uma aparência física específica e a um pertencimento étnico e racial, isso se torna algo que gera preocupação. “Quando essa aparência física é vista a priori como suja e sem higiene, a situação torna-se mais preocupante ainda.” (Gomes, 2005, p.141)

Neste contexto, cabe salientar que a modernidade carrega influências sobre a vida dos indivíduos e estas por sua vez causam mudanças com relação a auto identidade. De acordo com GIDDENS(2002), na sociedade atual pautada na modernidade há uma grande influência de acontecimentos distantes em acontecimentos próximos, e essa relação influencia as "intimidades do eu". Sendo assim a mídia eletrônica e impressa tem um papel importante.

A experiência canalizada pelos meios de comunicação, desde a primeira experiência da escrita, tem influenciado tanto a auto-identidade quanto a organização das relações sociais. Com o desenvolvimento da comunicação de massa, particularmente a comunicação eletrônica, a interpretação do auto-desenvolvimento e do desenvolvimento dos sistemas sociais, chegando até os sistemas globais, se torna cada vez mais pronunciada. (Giddens, 2002, p.12)



Desta forma, para GIDDENS(2002), a vida está colocada entre o local e o global, tendo assim uma relação dialética, e os indivíduos são colocados em uma situação em que são obrigados a escolher um estilo de vida<sup>12</sup>. Essa escolha pelo estilo de vida, a partir de uma diversidade de opções, é um componente essencial para a formação da identidade.

Quanto mais a tradição perde seu domínio, e quanto mais a vida diária é reconstituída em termos do jogo dialético entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida a partir de uma diversidade de opções. Certamente existem também influências padronizadoras — particularmente na forma da criação da mercadoria, pois a produção e a distribuição capitalistas são componentes centrais das instituições da modernidade. No entanto, por causa da "abertura" da vida social de hoje, com a pluralização dos contextos de ação e a diversidade de "autoridades", a escolha de estilo de vida é cada vez mais importante na constituição da auto-identidade e da atividade diária. O planejamento de vida reflexivamente organizado, que normalmente pressupõe a consideração de riscos filtrados pelo contato com o conhecimento especializado, torna-se uma característica central da estruturação da auto-identidade. (Giddens, 2002, p.13)

Trata-se do para GIDDENS(2002) de estilo de vida deve ser desvinculado do termo adotado pela publicidade mercadológica que busca referencia apenas com projetos de grupos ou classes sociais abastados. O "Estilo de vida" se refere também a decisões tomadas e cursos de ação seguidos em condições de severa limitação material; tais padrões de estilo de vida também podem algumas vezes envolver a rejeição mais ou menos deliberada das formas mais amplamente difundidas de comportamento e consumo. (Giddens, 2002, p.13). Neste contexto os pobres seriam excluídos da possibilidade de escolha de um estilo de vida.

Para GIDDENS(2002) na modernidade o corpo não é visto como algo extrínseco, ele revela um sistema interno de reflexão diante da construção do desenvolvimento corporal e do estilo de vida.

A reflexividade do eu, em conjunto com a influência dos sistemas abstratos, afeta de modo difuso o corpo e os processos psíquicos. O corpo é cada vez

---

<sup>12</sup> O estilo de vida "se refere a decisões tomadas e cursos de ações seguidos em condição de severa limitação material, tais padrões de estilo de vida também podem algumas vezes envolver a rejeição mais ou menos deliberada das formas mais amplamente difundidas de comportamento e consumo" (Giddens, 2002, p 13)

menos um "dado" extrínseco, funcionando fora dos sistemas internamente referidos da modernidade, mas passa a ser reflexivamente mobilizado. O que pode parecer um movimento geral em direção ao cultivo narcisista da aparência corporal expressa na verdade uma preocupação muito mais profunda com a "construção" e o controle ativo do corpo. Há aqui uma conexão integral entre o desenvolvimento corporal e o estilo de vida — manifesta por exemplo na busca de regimes corporais específicos. (Giddens, 2002, p.15)

De acordo com GIDDENS(2002), a modernidade carrega questões que levam o indivíduo à algumas questões reflexivas que influenciam no desenvolvimento da auto-identidade e em algumas decisões corriqueiras, como por exemplo formas de se comportar, de se vestir e de se alimentar. A modernidade como uma ordem pós-tradicional coloca faz com que o indivíduo se questione como deve viver. (Giddens, 2002, p. 21)

Ainda segundo o referido autor, na alta modernidade os polos local e global influenciam na construção da auto-identidade, pois aspectos da vida pessoal estão ligados a aspectos sociais. Desta forma o "eu" e a "sociedade" estão relacionados de forma global.

As transformações na auto-identidade e a globalização, como quero propor, são os dois pólos da dialética do local e do global nas condições da alta modernidade. Em outras palavras, mudanças em aspectos íntimos da vida pessoal estão diretamente ligadas ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude. Não quero negar a existência de muitos tipos de conexões intermediárias — por exemplo entre localidades e organizações estatais. Mas o nível do distanciamento tempo-espço introduzido pela alta modernidade é tão amplo que, pela primeira vez na história humana, "eu" e "sociedade" estão inter-relacionados num meio global. (Giddens, 2002, p.36)

Neste contexto, em que o “eu” e a “sociedade” estão ligados de forma global, cabe a reflexão sobre as transformações na maneira como se constrói a auto-identidade em uma sociedade em que a representação do estereótipo pode conter uma imagem positiva ou negativa do indivíduo.

A imagem negativa dos negros que os associam a uma aparência de sujeira para GOMES(2005) é uma maneira de expressar de relações raciais e de poder. Pois desta forma faz uma relação do negro com a sujeira, seja ela na forma racial ou na forma social, e em contrapartida relaciona o indivíduo não negro ao ideal de superioridade e pureza.

Apesar de estarmos em pleno século XXI, a falta de integração do negro na sociedade resulta em ampla gama de pessoas expostas a situações indignas de vida, pertencentes às camadas mais baixas da população, expostas ao desemprego, aos bicos, aos empregos mal remunerados. Empregos que exigem atividade braçal, esforço físico. Diante de tal realidade, no senso-comum, ainda continuam associações entre negro e sujeira que, ao serem descontextualizadas das condições de trabalho e socioeconômicas, reforçam o pensamento racista de que o cheiro de suor é um odor natural dos pretos e pobres. (Gomes, 2005, p.141)

Neste sentido, a referida autora ressalta que o indivíduo está envolto em um clima tenso que mistura uma imagem construída mediante dominação e a resistência em criar uma imagem positiva de si mesmo. Afirma que cuidar da estética pode significar a construção social de uma imagem positiva de um grupo étnico racial, pois a representação negativa de si mesmo criada pelas condições históricas e sociais de desigualdades pode ser revertida.

É nesse espelho social que o negro brasileiro tem se olhado. Assim, ele se constrói como sujeito imerso numa tensão entre uma imagem socialmente construída em um processo de dominação e a luta pela construção de uma auto-imagem positiva. Não permitir que tal imagem social destrua a sua auto-imagem é um desafio. Construir uma auto-imagem, um "novo negro", que se pautar nas referências identitárias africanas recriadas no Brasil, também o é. Esta última tem sido uma das estratégias de identidade construídas por uma parcela da população negra. (Gomes, 2005, p.143)

Neste contexto de construção da identidade negra, pelo viés da imagem positiva aparece o perfil de salão de beleza étnico racial, analisado por GOMES (2005) que se destaca como uma dimensão política da estética que tem a intenção de "recriar um padrão estético negro, numa associação entre a modernidade, a tecnologia e os padrões africanos." (Gomes, 2005, p.145)

No entanto esses salões são apontados como reprodutores do padrão de beleza não negro devido as suas técnicas de alisamento de cabelo crespo, mas se considerarmos essas experiências apenas como imitação, estamos negligenciando "implicações profundas na trama complexa que envolve a relação negro e cabelo na esfera da dominação, da cultura e da subjetividade." Sendo assim a autora ressalta que é relevante evitar o "enfrentamento da questão da ambiguidade e sua relação no movimento de reapropriação e ressignificação das culturas"(Gomes, 2005, p.175).

Mesmo que esse novo padrão se inspire na imagem construída pelos negros norte-americanos, que privilegiam o uso das novas tecnologias e da química, os salões étnicos brasileiros, ao anunciar publicamente a existência de uma "beleza negra", acabam por se contrapor à ideologia da cor e do corpo ainda hegemônica em nossa sociedade. Eles se lançam na experiência, algumas vezes de maneira bem-sucedida e outras não, de formular outra ideologia, gestada no interior da comunidade negra. (Gomes, 2005, p.145)

Para tanto, se faz necessário refletir sobre a questão da textura do cabelo crespo e sua peculiaridade no formato que se diferencia do cabelo liso, no entanto cada indivíduo, ao buscar atendimento em um salão de beleza étnico/racial, carrega consigo uma história de vida, uma carga emocional na construção de sua identidade que se configura em uma determinada intervenção estética. Segundo a autora, “De qualquer maneira, ao ponderarmos sobre a complexidade das relações raciais construídas no Brasil, não há como desvencilhar a ida a um salão étnico de um ato político, mesmo que seja inconsciente ao sujeito que o realiza.” (Gomes, 2005, p.147)

As questões relacionadas à estética corporal e a textura do cabelo estão ligadas culturalmente com a política e a relação de consumo, pois se o indivíduo não mexer na textura do cabelo, qual seria o sentido dos produtos específicos de alisamento e relaxamento? E qual seria o contexto para a existência de um salão étnico/racial? Essa questão entre construção cultural e política da beleza negra é complexa e mescla questões de subjetividade, de consumo e sobrevivência. “Segundo as cabeleireiras e os cabeleireiros, se os negros só usassem a cabelo crespo natural, os salões iriam à falência”. (Gomes, 2005, p.152)

Os tratamentos capilares como alongamento, relaxamento, texturização ou permanente são caros e requer das clientes investimentos em produtos para a manutenção. No entanto para se sentir aceita socialmente, e se sentir bem ao ver a imagem no espelho as mulheres acabam aderindo ao processo de alteração da textura natural do cabelo. "Cruzam-se, aí, várias questões tanto do lado do salão quanto dos clientes: identitárias, estéticas, políticas, econômicas e de gênero." (Gomes, 2005, p.152)

Neste sentido os estilos de penteados não são a reprodução e a imitação de padrões estéticos não negros, mas sim a reconstrução de um padrão de beleza negro que prima pela afirmação da identidade negra.

Pensar o uso do alongamento, do relaxamento e da permanente afro como estilos e práticas culturais possibilita pensar o espaço da recriação, da interlocução e da ressignificação da expressão estética negra na diáspora. Por isso, não posso afirmar que todas as mulheres e todos os homens negros que se submetem às técnicas de alisamento e implante nos salões padecem de uma negação total da sua negritude nem tampouco que deixam de se posicionar politicamente diante da questão racial. (Gomes, 2005, p.155)

Desta forma, o salão étnico racial pode ser visto como um lugar em que o cabelo crespo e a cor da pele são enaltecidos, valorizados, o cabelo crespo é tratado e colocado em destaque e visto de forma diferente dos espaços de embelezamentos convencionais, "para ser problematizado no bojo de um contexto social, histórico, político e psicológico, em que negros e brancos brasileiros se encontram." (Gomes, 2005, p.163)

Vale ressaltar, e não perder de vista, que os salões estão envolvidos em questões de mercado e de consumo da lógica capitalista, e para tanto tem que estar em contato com empresas de produtos específicos para a estética negra. E esse amplo mercado em ascensão chama a atenção de salões de cabeleireiros não negros, pois é um negócio lucrativo.

Todavia, ao entrar nesse mercado, os profissionais da beleza negra sofrem os impactos da globalização e entram em atrito com a exploração dos representantes brasileiros das empresas de cosméticos étnicos norte-americanas. Atualmente, o "étnico" vem se mostrando cada vez mais lucrativo, tem atraído a atenção de outros salões e dos "cabeleireiros brancos" na busca de um filão desse mercado. (Gomes, 2005, p.164)

Entre os salões de beleza étnico raciais existem alguns cabeleireiros e cabeleireiras que consideram que a identidade e beleza negra está em assumir a textura do cabelo crespo como uma forma de valorização do negro dentro da sociedade brasileira. Para GOMES(2005) esse discurso se aproxima do proferido nas décadas de 60 e 70 pelos grupos de militância negra, mas alerta que é preciso tomar cuidado com essa visão.

Muitas vezes, em vez de assumir o lugar de politização, esse discurso acaba se tornando um tipo de julgamento encobridor de uma concepção racista que paralisa o negro e a sua expressão estética no tempo e não considera que, assim como outros grupos étnicos, eles também estão inseridos em uma sociedade em constante mudança, incluindo aí padrões estéticos. (Gomes, 2005, p.178)

Desta forma para GOMES(2005) considerar que as mulheres negras devem usar apenas penteados considerados "afros" afirma a negação do direito à escolha, assim como inflexibilidade e intolerância, reforçando a concepção de racismo. "Tal julgamento, ao prever comportamentos específicos para os sujeitos graças a sua pertinência étnico/racial, está eivado de preconceitos." (Gomes, 2005, p.178)

Estamos diante de uma situação de extrema complexidade, segundo GOMES (2005) a relação dos negros com o cabelo vai além da ligação com a estética, demonstra um comportamento social, um processo de criação e recriação do corpo e do cabelo. Desta forma esta relação dos negros com o cabelo revelam um comportamento social que abarca sentimentos conflituosos e de certa forma ambíguos como, por exemplo, o fato de aceitar ou rejeitar características fenotípicas negras, mas não de forma consciente e sim como influência do meio social. Sendo assim pode criar em certa medida uma maneira de ressignificação do corpo e do cabelo para se valorizar e reconhecer sua imagem positiva.

No nível coletivo, as ações dos negros e negras expressam a construção de um comportamento social e demonstram um processo de criação e recriação do uso do corpo e do cabelo pelo negro ao longo dos anos. No nível individual, esse processo pode incluir sentimentos conflituosos e ambíguos de aceitação, rejeição, negação e ressignificação do corpo negro e cabelo crespo. É claro que esse processo nem sempre se dá de maneira consciente. Ele faz parte do jogo simbólico no qual se inserem as relações entre negros e brancos. (Gomes, 2005, p.179)

Cabe reforçar que as decisões individuais tem influência política dentro de cada contexto específico, podendo ou não ter representação de opções políticas de cada sujeito. Segundo a referida autora na realidade o conteúdo político da relação dos negros com o cabelo e com o corpo não pode ser visto simplesmente no tipo de penteado adotado nem somente na intervenção estética utilizada, mas na articulação

desses com a localização dos negros no contexto histórico, social, cultural e racial. (Gomes, 2005, p.179)

Sendo assim, para GOMES(2005) a adoção do penteado que ressalta o cabelo liso pode ser visto como uma introjeção dos padrões de beleza da cultura não negra imposta por uma sociedade racista com mecanismos que revelam a opressão do negro.

Assim, o uso do alisamento entendido como um comportamento social pode ser visto, por um lado, como resultado da introjeção da opressão branca imputada ao negro, o que inclui a imposição de um determinado padrão estético. Mas, por outro lado, esse comportamento também pode ser visto como integrante de um estilo de o negro usar o cabelo, construído dentro de um sistema opressor, porém com características que são próprias da comunidade negra e do seu padrão estética. (Gomes, 2005, p.179)

Para GOMES(2005), a relação do indivíduo com a estética não pode ser vista de uma forma cristalizada, para não reforçar e reproduzir a opressão racial, pois nenhum padrão de beleza pode ser considerado fixo, e se a crítica ao método do alisamento for pautada em um único padrão estético ela cumpre sua função ideológica e racista.

Uma coisa é problematizar esse comportamento no contexto da sociedade racista em que vivemos e outra é descontextualizá-lo, não se abrindo ao diálogo para tentar compreendê-lo e interpretá-lo. E, o que é mais grave, produzir um discurso e um julgamento que atribuem aos sujeitos que alisam o cabelo o lugar do embranquecimento e da negação da raça. (Gomes, 2005, p.180)

A relação estabelecida entre padrões estéticos está ligada às diferentes culturas e sociedades, não seria diferente com o Brasil, pois a sociedade brasileira é miscigenada racial e culturalmente em sua matriz original. Desta forma temos estilos, tendências e padrões de diversos grupos étnicos.

O fato de ser intercultural não impede, porém, que alguns símbolos, ritos, gestos, imagens e costumes sejam mais demarcados por uma presença étnica específica. Também não omite que tais fatores são construídos num contexto histórico e social marcado por desigualdades raciais e sociais que afetam a existência desses. (Gomes, 2005, p.180)

O mercado de trabalho tende a influenciar e até construir padrões de comportamento incluindo aqueles com dimensão simbólica como a estética e a ideia de beleza, pois pessoas negras tinham que encaixar o cabelo em padrões aceitos para ter uma "boa aparência" e manter o cargo que ocupam ou almejam ocupar, assim apontam as pesquisas aqui apresentadas.

Vemos, então, que o mercado de trabalho também opera com uma representação de estética e beleza negra. Ao fazê-lo, alguns setores privilegiam determinado estilo de cabelo do negro considerado mais próximo do padrão estético branco. O negro e a negra se vêem diante de um conflito que envolve não só a escolha de um determinado estilo de cabelo, mas também questões de sobrevivência, raciais, políticas e identitárias. (Gomes, 2005, p.181)

A dominação simbólica aponta para o padrão de beleza como algo que de maneira alguma se faz isenta de valor, portanto, não é neutra, e muitas vezes a escolha do indivíduo é feita mediada por uma pressão externa pelo grupo étnico/racial hegemônico dentro da sociedade. Como ressalta GOMES(2005) as exigências profissionais de transformação do cabelo trazem à cena modelos extra-econômicos que se referem, entre outras coisas, à condição racial e aos lugares do mercado de trabalho reservados para aqueles que são enquadrados nessa condição. Podemos dizer que elas carregam mensagens inconscientes sobre as relações raciais.

Por outro lado, há nas sociedades grupos sociais que resistem, como os movimentos sociais negros, com a crítica e o desejo em abolir com a exigência de boa aparência, nos anúncios de emprego, como requisito para ocupar uma vaga de emprego ofertada, por exemplo.

Como é próprio das sociedades capitalistas, o mercado se apropria de algo que é construído ideologicamente como marca identitária e uma produção cultural de grupos aliados do poder, transformando-o em mercadoria. Os estilos de cabelo negro não conseguem ficar imunes aos efeitos da indústria cultural e da moda e muitas vezes são traduzidos em visual fashion, produzidos para o consumo de negros e brancos. [...]

Esse mesmo movimento de apropriação do mercado pode fomentar a adoção de novas estratégias de resistência dos negros no sentido de denunciar a relação entre raça e exploração econômica, assim como desvelar o modo como as categorias raciais são manipuladas pelo mercado de trabalho. Essa situação de exploração impulsiona a organização política, congregando os negros em torno de questões atuais, que dizem respeito às lutas do negro contemporâneo. (Gomes, 2005, p.182)



E, nesta configuração, GOMES(2005) destaca que tais mudanças modificam a identidade e o comportamento das pessoas, e revelam que grupos raciais e sociais que detém o poder geram lucro com a exploração.

Estamos diante de mudanças sociais, culturais e econômicas que alteram identidades e comportamentos, dando-lhes novos significados. Mas essas mudanças também revelam que os grupos raciais e sociais que, ao longo da história, se mantêm no poder agora conseguem lucro e acumulam riquezas graças à exploração de características culturais dos grupos que sempre excluíram. (Gomes, 2005, p .183)

Um perfil comum do grupo consumidor é a classe em ascensão, é a clientela dos salões étnicos. De acordo com os proprietários dos salões os produtos importados estão fora do orçamento de grande parte da população e, assim como uma manifestação do capitalismo, essa relação é pautada na exploração financeira e também na exploração da imagem. "É na recriação cultural que os sujeitos negros, expostos às situações de exploração econômica, encontram forças para reelaborar sua vida e atribuem significados novos às suas expressões culturais." (Gomes, 2005, p.184)

## 2 AFRO CHIC - AUTO ESTIMA E EMPODERAMENTO DA PESSOA NEGRA

A corporeidade e seus atributos podem contribuir para a construção da identidade e, desta forma, as relações raciais foram marcadas historicamente pela inferiorização do corpo do negro, a medida em que o corpo do não negro era colocado na condição de superioridade, como já apontado.

Quando a sociedade brasileira olha para o negro e para a negra e os destitui do lugar de beleza, ela afirma uma determinada em proposição, um julgamento em relação ao negro e sua pertinência étnico/racial, que pode ou não ser internalizado pelo sujeito. Contraditoriamente, ao tentar destituí-los do lugar da beleza, essa mesma sociedade reconhece-os como negros, uma vez que, para se rejeitar, é preciso antes reconhecer. Esse processo vivido num nível mais amplo e mais geral se reproduz num plano mais íntimo e mais profundo, ou seja, na intimidade e na construção da subjetividade do negro e da negra. (Gomes, 2015, p.129)

Para GOMES(2005) a liberdade identitária passa pela desconstrução dessa imagem negativa sobre o negro e, por consequência, a construção de uma imagem positiva.

(...) reverter a imagem negativa do corpo negro, através de um processo de desconstrução da imagem anterior e reconstrução de uma nova imagem positiva. Ou seja, construir novos cânones da beleza e da estética que dão positividade às características corporais do negro. O caminho seria reassumir a negritude pelo resgate das técnicas e artes relacionadas com o corpo a partir do repertório das artes corporais africanas, não apenas no sentido de uma continuidade, mas também no sentido de uma operação de decodificação/recodificação e reinterpretação no universo da diáspora africana. (Gomes, 2005, p.16)

Sendo assim a autora ressalta que o cabelo é interpretado como um símbolo e não apenas como uma parte do corpo, mas como algo social, como uma linguagem, como uma forma de expressar a resistência cultural. Neste sentido, GOMES (2005) afirma que “O cabelo crespo na sociedade brasileira é uma linguagem e, como tal, comunica e informa sobre as relações raciais. Dessa forma, ele também pode ser pensado como um signo, uma vez que representa algo a mais, algo distinto de si mesmo.” (Gomes, 2005, p.26)

Neste contexto o cabelo, visto e interpretado pelo viés social e sendo um signo da resistência cultural, revela conflitos sociais que ultrapassam o limite da estética e

denotam valorização da história e da cultura negra. Para tanto diz, a autora, “entendo a construção da identidade negra como um movimento que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora.” (Gomes, 2005, p.20)

Ainda de acordo com o referido estudo, a relação do cabelo e do corpo são pensados pelo viés social, cultural, político e ideológico. Sendo assim não podem ser considerados apenas como aspectos biológicos, devem ser expressos como uma forma de representação da identidade negra no Brasil, possibilitando a "construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra." (Gomes, 2005, p.20)

Neste sentido de construção social, cultural, política e ideológica temos um evento chamado Afro Chic que segue na contramão do senso comum, pois busca relacionar esta construção à formação da identidade e da valorização da beleza negra contribuindo para a elevação da auto estima feminina.

O Afro Chic de Curitiba é organizado visando estabelecer um espaço de troca para debater e realçar a beleza das mulheres negras, valorizando os cabelos crespos e as diversas maneiras de cuidados sem recorrer à processos químicos danosos ao formato do fio e à saúde do pessoa, visando satisfazer a necessidade que a mulher tem de ter um cabelo que esteja em diálogo com seus interesses estéticos, posicionamento logo identificado na proposta do material de divulgação, no qual esta retratada uma mulher negra utilizando turbantes e maquiagem próprios para suas características físicas e valorizando suas matrizes africanas. (FIGURA 1)



FIGURA 1 - FOLDER DE DIVULGAÇÃO DO EVENTO

FONTE: PÁGINA UTILIZADA PARA DIVULGAÇÃO DO EVENTO NA REDE SOCIAL:  
<https://www.facebook.com/events/825267697541757>

A primeira edição do evento foi realizado em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, pelo salão Deby Tranças sob a responsabilidade da trançadeira e afro empreendedora Débora Caroline Pereira. A intensão central do evento é apresentar a beleza negra, valorizando os cabelos crespos e a auto estima das mulheres negras. O primeiro encontro foi realizado no dia 07 de março de 2015, no espaço O Solar do Barão situado na rua Presidente Carlos Cavalcanti, 553 em Curitiba/ PR, com uma programação inteiramente pensada para o perfil das mulheres negras que buscam aprender alternativas nos cuidados com a beleza negra, envolvendo desde maquiagem à vestimenta e acessórios. A FIGURA 2 apresenta a programação do dia.



FIGURA 2 - PROGRAMAÇÃO DO EVENTO

FONTE: PÁGINA UTILIZADA PARA DIVULGAÇÃO DO EVENTO NA REDE SOCIAL:  
<https://www.facebook.com/events/825267697541757/>

Durante o evento foram realizadas diversas atividades, dentre as quais a Oficina de Turbantes, conduzida pela professora e mestre Neli Gomes da Rocha. Com a proposta de ensinar maneiras de usar os adornos e turbantes, todavia debateu temas como o papel da cultura e a dimensão política do conhecimento de matrizes africanas e o empoderamento por meio da beleza das mulheres negras, embora houvesse a presença de homens. Todas as participantes puderam experimentar algum modelo de turbantes disponíveis na forma de tecidos muito coloridos, alguns oriundos de países africanos. Durante a realização da oficina, para cada estilo e tamanho de cabelo era dada uma dica que poderia realçar a beleza de cada uma das mulheres que estavam presente. A dinâmica permitiu que algumas das participantes apresentassem relatos espontâneos sobre a relação pessoal construída com o cabelo crespo e a autoestima, esses relatos reforçam conclusões de muitas das pesquisas realizadas e que são referências nesta pesquisa. Salutar ainda foi a demanda de interesse, pois a proposta inicial de realizar dois grupos de até 25 pessoas diante da procura adaptou-se à três grupos de 30 pessoas, em geral jovens e mulheres negras, embora contasse também com a presença de homens jovens, adultos e crianças.

Outra oficina ofertada no evento gratuitamente foi de automaquiagem, conduzida pela esteticista negra Karin Oliveira. As participantes puderam tirar dúvidas sobre maneiras adequadas de maquiar a pele negra em seus vários tons sem apresentar o temido efeito “fantasma”, tão comum quando se utiliza produtos para peles mais claras em pessoas com a tonalidade mais escura. Após o evento as fotos foram divulgadas em uma página de rede social chamada Dona Diva: Makep/Designer sobrancelhas, permitindo a visibilidade da beleza negra e valorização das participantes.

A apresentação musical ficou por conta da Janine Mathias, cantora e compositora, com referência no Samba, MPB e RAP Nacional. (FIGURA 3)



FIGURA 3 - IMAGEM DA CANTORA JANINE MATHIAS

FONTE: PÁGINA DA REDE SOCIAL DE DIVULGAÇÃO DO TRABALHO DA CANTORA:  
<https://www.facebook.com/janinemathiascantora>

Durante o evento houve ainda a realização de sessões de massagens realizadas pela massoterapeuta negra Zizi; a exposição de acessórios afro para cabelos e roupas; tanto produtos frutos de trabalho manual e artesanato, quanto outros produtos comercializados industrializados e revendidos por empreendedoras, em geral mulheres negras, e especificamente pensados para o público alvo e atender a demanda e a necessidade dos consumidores negros e não negros, formando assim uma relação de afro consumo que reflete na valorização e fortalecimento da identidade negra. (FIGURA 4)

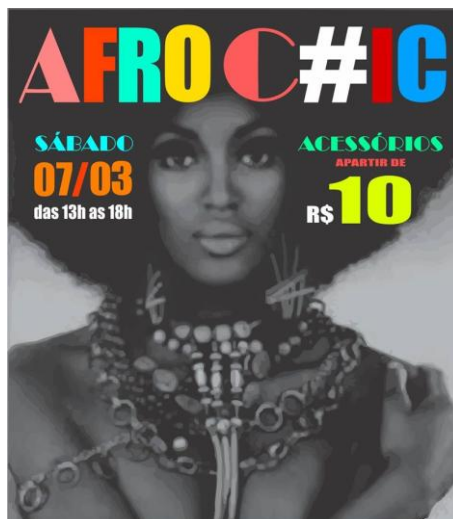


FIGURA 4 - FOLDER DE PROPAGANDA DA VENDA DE ACESSÓRIOS DO EVENTO AFROCHIC.

FONTE: <https://www.facebook.com/events/825267697541757/>

A Oficina de Tranças foi realizada por Débora Pereira e suas trançadeiras aprendizes, a proposta é apresentar a técnica de trançados nos cabelos crespos e não crespos. Durante a atividade foi possível perceber a exposição de relatos das mulheres participantes com as experiências de situações que desvalorizavam sua aparência por conta de suas características fenotípicas, e passaram pelo processo de empoderamento.

O espaço permitia a troca por meio de conversas entre as participantes sobre a beleza das mulheres negras e a construção da autoestima, especialmente em “como é ser mulher negra em meio a uma sociedade que valoriza a beleza não negra?”, assim como a relação das mulheres negras com os cabelos crespos perpassa padrões de beleza estabelecidos por valores externos.

O cabelo é o adorno do corpo, e por isso merece cuidados específicos baseados em valores culturais e sociais, neste sentido aprender os cuidados necessários para os diferentes tipos e texturas capilares requer mudança de comportamento, truques passados de geração à geração para deixar seu cabelo crespo adquirem novas dimensões, a exemplo dos trançados e adornos como amarrações turbantes.

O público do evento, em sua grande maioria, era de mulheres negras e algumas mulheres não negras, acompanhadas de familiares. Para as crianças, foi

disponibilizado um espaço “Black Mirim” com muitas brincadeiras e diversão, favorecendo assim a participação das mães nas oficinas.

Entre as mulheres negras participantes, diferentes formas de arrumar os cabelos: algumas utilizavam os cabelos trançados; outras os cabelos ao natural, assumindo sua textura crespa; ainda, cabelos com químicas no formato mais alisados outros mais cacheados, enfim diferentes tipos de cabelos e texturas e algumas utilizando dreads naturais ou dreadlocks.

Em comum entre as mulheres e homens presentes no evento, a intenção e curiosidade de conhecer e aprimorar técnicas de maquiagem para pele negra, as formas de usar os turbantes e adornos para cabeça, pois o corpo tem uma relação estreita com a formação da identidade, o ser humano tem essa necessidade de aceitação diante da sociedade.

Em conversa com as participantes do evento, perguntei sobre relação com o corpo e com o cabelo. Uma delas respondeu:

Desde de pequena me achava feia, eu era diferente das outras meninas da minha escola. Queria que a minha pele fosse branca, e para isso usava água sanitária na pele, na tentativa de ficar branca. Tinha muita dificuldade de aceitar o meu cabelo, pois ele era muito crespo e não conseguia arrumá-lo para me sentir bonita. Alisei o cabelo por vários anos, e hoje em dia estou deixando ele crescer e usando crespo mesmo. Com o tempo aprendi a gostar de mim como sou, mas foi um processo longo e doloroso, pois aceitar as minhas características herdadas dos meus ancestrais negros foi difícil, isso por causa de toda a discriminação que sofri." (Daiane<sup>13</sup>, 25 anos, negra)

Conversando com algumas participantes do evento foi possível perceber que o cabelo é um fator de extrema importância para a autoestima feminina, e o fato de cuidar dele e a possibilidade de se sentir bonita é algo que ajuda as mulheres a construir uma imagem positiva de si mesmas.

No decorrer da oficina de turbantes realizada pela pesquisadora Neli Gomes, com cerca de vinte participantes todas mulheres, uma moça de aparentemente 20 anos, relatou que se sentia discriminada por usar turbante em espaços públicos. Ressaltando que “ainda se tem uma visão discriminatória que associa o uso de turbantes com as religiões de matrizes africanas. E infelizmente as religiões de

---

<sup>13</sup> Nome fictício para uma participante.



matrizes africanas, como, por exemplo candomblé, umbanda, xangô e outras, no Brasil são vistas com olhos de discriminação.” Como ressalta MALACHIAS (2007) "A intolerância em relação às religiões de matrizes africanas, como o candomblé, tem sido manifestada na mídia. Programas televisivos desqualificam, desrespeitam e demonizam a religiosidade afro-brasileira." (Malachias, 2007, p. 38)

Para algumas mulheres, aceitar seu cabelo crespo como ele é, e, assumir suas madeixas leva tempo, e completam, pois a mídia não valoriza a beleza negra, os padrões de beleza ainda são europeus. Ainda vivemos em uma sociedade em que ter os cabelos longos é um símbolo poderoso de feminilidade. Como ressalta GOMES(2002), o cabelo pode transmitir diversas mensagens gerando diferentes interpretações, pois ele é uma das primeiras características a serem percebidas no corpo, e completa, “em suma, o cabelo é um veículo capaz de transmitir diferentes mensagens, por isso possibilita as mais diferentes leituras e interpretações. Desse modo, para muitos, o cabelo é a moldura do rosto e um dos primeiros sinais a serem observados no corpo humano. (GOMES, 2002, p.50)

A construção da identidade se dá na relação com o outro e de forma parcial ocorre no interior de cada indivíduo, esse processo se dá no plano simbólico, no entanto não ocorre de forma pacífica. Eventos como o Afro Chic, que valorizam a beleza negra, permitem repensar conceitos da corporeidade, especificamente o cabelo crespo e tem a proposta de desnaturalizar<sup>14</sup> conceitos de beleza.

Essas identidades foram (e tem sido) ressignificadas, historicamente, desde o processo da escravidão até às formas sutis e explícitas de racismo, à construção da miscigenação racial e cultural e às muitas formas de resistência negra num processo - não menos tenso - de continuidade e recriação de referências identitárias africanas. É nesse processo que o corpo se destaca como veículo de expressão e de resistência sociocultural, mas também de opressão e negação. O cabelo como ícone identitário se destaca nesse processo de tensão desde a recriação de penteados africanos, passando por uma estilização própria do negro do Novo Mundo, até os impactos do branqueamento. (Gomes, 2005, p.20)

---

<sup>14</sup> Desnaturalizar neste sentido incita a reflexão sobre a criação de um padrão de beleza europeu e branco, que é visto como o ideal do belo em nossa sociedade, gerando assim uma sensação de que o diferente desse estereótipo não é belo. Eventos desta natureza ajudam a desconstruir esse conceito.

### 3 A MULHER NEGRA DENTRO DO AMBIENTE PÚBLICO E PRIVADO

A relação das mulheres negras com o cabelo crespo começa na infância, pois é neste período que a mãe começa a arrumar o cabelo da filha. Esse processo acontece em meio as relações de tensão, rejeição e aceitação. Assim como destaca Gomes (2005)

O processo tenso e conflituoso de rejeição/aceitação do ser negro é construído social e historicamente e permeia a vida desse sujeito em todos os seus ciclos de desenvolvimento humano: infância, adolescente, juventude e a vida adulta. A inserção e circulação do negro e da negra em outros espaços sociais podem contribuir para o repensar dessa situação, para a problematização e o enfrentamento desse conflito. (Gomes, 2005, p 124)

As situações de dificuldade em lidar com o cabelo crespo dos filhos e filhas começam muito cedo, dentro do próprio ambiente familiar, de acordo com Gomes (2005) esse conflito tenso faz com que o indivíduo construa uma imagem distorcida de si mesmo, visto que o ideal de cabelo imposto como belo é o cabelo liso.

Assim, os salões espelham de maneira radical a realidade tensa e complexa da construção da subjetividade do negro. Nesses espaços é possível presenciar situações que expressam a dificuldade da família negra e mestiça de cuidar do cabelo crespo dos filhos e filhas. Situações que nos mostram que, desde muito cedo, as crianças negras e mestiças, principalmente as meninas, aprendem a construir na família uma imagem distorcida de si mesmo. (Gomes, 2005, p 151)

A relação dos negros com os cabelos tem início no seio da família, e é neste ambiente que acontecem formas variadas de manipulação do cabelo, GOMES (2002) classifica essas maneiras como verdadeiros rituais que são realizados pelo adulto mais próximo a essas crianças.

Mas engana-se quem pensa que tal processo inicia-se com o uso de produtos químicos ou com o alisamento do cabelo com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, tia, irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. (GOMES, 2002, p.43)

Segundo Gomes (2002) as marcas deixadas na vida das mulheres negras pelos comentários e opiniões sobre seu corpo e seu cabelo são profundas e interferem na construção da sua identidade e na sua auto estima, desta forma torna-se difícil o processo de aceitação, provocando uma imagem distorcida de si mesma.

Em alguns casos, é o cuidado da mãe, a maneira como a criança é vista no meio familiar, que lhe possibilitam a construção de uma auto-representação positiva sobre o ser negro/a e a elaboração de alternativas particulares para lidar com o cabelo crespo. Diante disso, podemos inferir que saber lidar, manusear e tratar do cabelo crespo está intimamente associado a estratégias individuais de construção da identidade negra. (GOMES, 2002, p.46)

Essas crianças, quando chegam na idade escolar, sentem a rejeição por conta da sua estética, dentro da unidade escolar que deveria, como ressalta FELIX (2010), contribuir para a valorização da diversidade. Mas algumas instituições são reprodutoras de preconceito e não desenvolvem o ensino baseado nos direitos iguais e culturais para todos, (...) "não há efetivamente uma educação democrática, principalmente em relação à cultura africana, afro brasileira, a sua estética, sobretudo ao cabelo afro das crianças negras que são fortemente alvo de preconceitos nas escolas." (Felix, 2010, p.1)

Neste contexto cabe salientar que o ambiente público a que se refere essa pesquisa é a escola, e Felix (2010) ressalta que a questão da estética negra não é um tema discutido pela pedagogia no Brasil, e essa falta de debate sobre o assunto acaba gerando e contribuindo para a exclusão da estética negra. "A questão da expressão estética negra ainda não é considerada um tema a ser discutido pela pedagogia brasileira. Sendo assim a educação contribui para exclusão da cultura, sobretudo da identidade negra." (Felix, 2010, p.03)

E essa falta de discussão sobre a questão da estética dentro do ambiente escolar auxilia a propagação da valorização da estética não negra. De acordo com GOMES (2002), esse formato de educação refere-se ao indivíduos não negros como o exemplo do que é belo, e os negros como indivíduos considerados diferentes pelas suas características fenotípicas.

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é

preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as). Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável, quando discutimos, nos processos de formação de professores(as), sobre a importância da diversidade cultural? (Gomes, 2005, p.43)

As questões levantadas por GOMES (2005) são profundas e se encaixam no perfil da escola brasileira. O preconceito a respeito do corpo e do cabelo dos negros dentro do ambiente escolar são silenciados pelos profissionais da educação, e essa falta de atitude em refletir e fazer o outro refletir sobre essa questão, deixam nas crianças que sofrem essa discriminação marcas e causam efeito de negação na formação da identidade e na relação de aceitação pelo grupo de pessoas. "Parto do pressuposto de que a maneira como a escola, assim como a nossa sociedade, vêem o negro e a negra e emitem opiniões sobre o seu corpo, o seu cabelo e sua estética deixa marcas profundas na vida desses sujeitos." (GOMES, 2002, p.43)

Neste sentido que GOMES (2002) ressalta que é dentro da escola que pode ocorrer a reprodução ou a superação do racismo e do estereótipo negativo sobre os negros. Em alguns casos é no ambiente escolar que eles recebem apelidos que depreciam o cabelo crespo e o corpo.

São, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância e adolescência. A escola representa uma abertura para a vida social mais ampla, em que o contato é muito diferente daquele estabelecido na família, na vizinhança e no círculo de amigos mais íntimos. Uma coisa é nascer criança negra, ter cabelo crespo e viver dentro da comunidade negra; outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre brancos. (GOMES, 2002, p.45)

A escola é o primeiro espaço de convivência social das crianças fora do ambiente familiar e em alguns casos acaba se tornando o lugar em que a estética negra é desvalorizada, essa relação é visivelmente expressa na relação com o cabelo crespo. Como ressalta FELIX (2010)

A criança negra ao entrar na escola depara-se com um espaço totalmente estranho ao do ambiente familiar, onde muitas famílias negras educam as crianças desde cedo a gostarem de si mesmas e da sua estética. Porém a escola quebra com essa valorização familiar, a preocupação com a aparência em torno do cabelo da criança negra é posta em primeiro plano como uma exigência estabelecida pela escola.(FELIX, 2010, p 5)

Como ressalta MALACHIAS (2007), ser negro dentro da escola não tem valor positivo, visto que a pessoa é tratada de forma diferente, julgada como inferior e seus traços fenotípicos considerados motivos para piadas.

As características fenotípicas, como a espessura dos lábios, o formato do nariz e a textura capilar, nessa mentalidade brasileira cristalizada, tornam-se marcas relevantes para a classificação das pessoas consideradas bonitas ou feias. Assim, quem possui “características caucasianas” – pele branca, nariz afilado, lábios finos, cabelo liso – entra na categoria das pessoas bonitas e quem possui “características negróides” (nariz largo, cabelo lanudo e/ou crespo, lábios grossos) seria despojado de uma categorização positiva, não sendo considerado belo. (Malachias, 2007, p.33)

Neste sentido é preciso que haja formação para os professores e demais funcionários na área de Educação para as relações Étnico Raciais, afim de romper com estereótipos negativos sobre os negros e ter orientação necessária para gerar reflexão sobre o preconceito e a discriminação, rompendo com a visão racista gerada pela sociedade que é baseada em senso comum.

É importante evidenciar que esses estereótipos internalizados são transmitidos para as crianças e as mesmas crescem com uma opinião formada irrefletida sobre a cultura e a dominação branca. Construir a identidade negra, numa sociedade que ensina desde cedo que, para ser aceito, tem que negar a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros no meio social, no enquadramento dos conceitos que abrajam a moda, a música, a religião; fatores esses que são determinantes em alguns casos na aceitação do negro no espaço em que se encontra, sendo levados a esquecer de si mesmos. O paradoxo dessa situação é que a maior desvalorização não está em relação à cor, que deixa de estar em primeiro plano, mas na estética, por exemplo, ao biótipo do cabelo e sua valorização da identidade. (Felix, 2010, p.05)

Acredito que é importante que a escola gere oportunidades de valorização das pessoas negras e das suas características fenotípicas, para que os alunos negros possam ter a valorização da sua imagem, e possam se sentir aceito dentro do ambiente escolar. Sendo assim, possa contemplar a legislação<sup>15</sup> inserida nas

---

<sup>15</sup> O Parecer N.º: CNE/CP 003/2004 fala a respeito da inserção nas Diretrizes Curriculares Nacionais os temas da Educação das Relações Étnico-Raciais e do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana promulgada da Lei 10639/2003, que alterou a Lei 9394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas. O parecer demonstra que a valorização da cultura e da história afro-brasileira e africana

Diretrizes Curriculares Nacionais. Para isso se faz necessário que além de conhecer a Lei 10.639/03 <sup>16</sup>ela seja colocada em prática dentro da escola, como uma forma de valorização da história e da cultura africana.

---

valoriza a cultura do povo e prevê políticas de reparação voltadas para a área da educação que por sua vez, deve garantir ingresso, permanência e sucesso na educação escolar promovendo a capacitação do aluno para ter condições de se posicionar como cidadão crítico, responsável e participante dentro da sociedade.

<sup>16</sup> Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste trabalho foi possível verificar que a relação da mulher negra com a sua estética coloca-se como uma questão que extrapola o viés apenas estético, pois a relação com a corporeidade (o cabelo e o corpo) são formas de expressão social, maneiras de emitir sentido e intenção pela linguagem não verbal específica e resistência identitária negra. A relação com o cabelo demonstra um comportamento social, um processo de criação e recriação do corpo e do cabelo.

Desta forma uma mulher que tem condições de assumir suas características fenotípicas e valorizar a sua beleza, enxergar o belo em relação ao seu corpo e cabelo, tende a passar pelo processo de empoderamento e com isso fortalecer a sua identidade, restaura a sua autoestima e cria valor naquilo que faz e no que é. Uma mulher negra tem condições que empoderar várias outras mulheres, com a sua história, a sua coragem e a resistência cultural, social e política adquirida ao longo do processo.

A mulher que escolhe como quer arrumar o cabelo, seja ele trançado, cabelos com química no formato mais liso ou cacheados, assumindo a textura crespa natural, com dreads naturais ou dreadlocks, e desta maneira demonstra a liberdade de expressão estética, refutando a ideia de que as negras só pode usar o estilo de cabelo afro, pois essa visão reforça o ideal racista e ideológico.

A participação no evento Afro Chic foi um pouco desse processo, de mulheres que foram empoderadas. Foi edificante, pois é uma sensação gratificante estar entre pares, várias mulheres negras que assumem seus cabelos crespos como configuração de formação de sua identidade. É algo como sentir-se aceita, entre pessoas com características fenotípicas semelhantes, sem comparações. Apenas a valorização de cada uma respeitando as suas especificidades.

A valorização da beleza da mulher negra com certeza estava presente neste espaço e em cada detalhe. Seguramente eventos como estes podem ajudar na formação de uma identidade forte e na recuperação da autoestima das mulheres negras. Eventos como o Afrochic poderiam ser realizados dentro dos ambientes escolares junto com a comunidade escolar, como forma de valorização das pessoas afro brasileiras e africanas, pois seria um excelente lugar para discussões referentes a

padrões de beleza postos pela mídia, qual a sua influencia na formação da identidade das crianças negras e sua influência na formação de pré conceitos que estão de certa forma enraizados na sociedade moderna.

Certamente organizações que valorizem a história, a cultura e a estética afro brasileira e africana contribuem para diminuir as atitudes preconceituosas dentro da escola, algumas situações de discriminação por conta da cor da pele e textura e volume dos cabelos de pessoas negras poderiam ser evitadas, e poderia se gerar reflexões a respeito de tais situações de discriminação. E desta forma romper com a cultura do silenciamento que em certa medida afirma que o preconceito e a discriminação não acontecem, corroborando com a ideia de racismo velado e racismo como uma forma de piada, que, com o seu lado humorístico acaba legitimando atitudes e brincadeiras que reforçam o racismo e a discriminação, tanto no ambiente público como no ambiente privado.



## REFERÊNCIAS

BOAVENTURA de Souza Santos. Ciência e Senso Comum. In: **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Porto: Afrontamento. 1989. 6ª edição. p. 33 a p. 49. Disponível em <http://www.boaventuradesousasantos.pt/pages/pt/livros/introducao-a-uma-ciencia-pos-moderna.php>. Acesso: 05/08/2015

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. O processo de socialização na educação infantil: a construção do silêncio e da submissão. p.33-45, 1999 Rev. Bras. Cresc. Des. Hum. S. Paulo, 12(2), 1999

CHAGAS Waldeci Ferreira. **Gênero, raça e etnia: Educação e etnicidade: o (a) negro (a) nas aulas de história**, 2010. e-book Disponível em: <http://books.scielo.org/id/tg384/pdf/machado-9788578791193-07.pdf>. Acesso em 29/10/2014

FÉLIX, Sayara de Brito. **Cabelo bom. cabelo ruim**: a construção da identidade afrodescendente na sala de aula. 2010 Disponível em: [http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010\\_25.pdf](http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010_25.pdf) Acesso em: 04/04/2015

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra**. Aletria (UFMG), Belo Horizonte, n.9, p. 38-47, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1.pdf> em 28/10/2014

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?**. Revista Brasileira de Educação, Belo Horizonte, n.21, p. 40-51, 2002.

GOMES Nilma Lino. **Sem perder a raiz** - corpo e cabelo como símbolos da identidade negra - 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. v. 01. 373p.

**GOMES, Nilma Lino**. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Ricardo Henriques. (Org.). Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no. 10.639/03**. 'ed.Brasília: SECAD/MEC, 2005, v. , p. 39-62.

Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>

Acesso em: 01/09/2015

LOPES, Tania Aparecida. Araujo, Débora Oyayomi Cristina. **O papel das mulheres negras nos movimentos de resistência**. 2002 Disponível em: <http://www.cursos.nead.ufpr.br/mod/resource/view.php?id=139423> Apostila curso de extensão. Acesso em 23/10/2014.

SILVA Petronilha Beatriz Gonçalves. **"Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas" - Situando-nos enquanto mulheres e negras**. Cadernos CEDES Cad.

CEDES vol. 19 n. 45 Campinas July 1998. Disponível em:  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621998000200002> . Acesso 23/10/2014.

RIBEIRO, Matilde. **Mulheres negras brasileiras: de bertioga a beijing.**

Disponível:[http://clam.tempsite.ws/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1077\\_1824\\_ribeiromatilpagu.PDF](http://clam.tempsite.ws/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1077_1824_ribeiromatilpagu.PDF). Acesso 23/10/2014

ROCHA, Neli Gomes e SANTOS, Eleonora Vaccarezza. **Em Tempos de Chapinha Quem Tem Cachos é Rainha: Estratégias de Embelezamento, Consumo e Ascensão Social.** Comunicação Congresso CONLAB, 2014.

SANTOS, Leandro José. **Por dentro do espelho: Reflexões sobre o feminino negro em Raça Brasil.** 164 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Araraquara/SP 2011. Disponível em:  
[http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/98977/santos\\_lj\\_me\\_arafcl.pdf?sequence=1](http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/98977/santos_lj_me_arafcl.pdf?sequence=1). Acesso em: 20/04/2015

LOPES Maria Aparecida de Oliveira. **Imagens da beleza negra.** São Paulo, dez/2002.

CARONE, Iray e BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil** In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58)

MUNANGA, Kanbengele **Negritude: usos e sentidos.** Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2009. (Coleção Cultura Negra e Identidade)

Parecer N.º: CNE/CP 003/2004. Disponível em:  
<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>

**Lei nº 10.639/03** . Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)

RIBEIRO Djamila. **O empoderamento necessário.** Categoria Mulher Negra Disponível em: Geledés <http://www.geledes.org.br/o-empoderamento-necessario/#ixzz3icu5IV> Publicado em 31 de julho de 2015

MALACHIAS Rosangela. **Cabelo bom. Cabelo ruim!** coleção percepções da diferença. negros e brancos na escola v. 4 Organização Gislene Aparecida dos Santos 1ª edição São Paulo Ministério da Educação 2007

## ANEXOS



FIGURA 1: Debora Caroline Pereira. Organizadora do evento AFROCHIC II.



FIGURA 2: Abertura AFROCHIC com Neli Gomes da Rocha, Debora Caroline Pereira e William Barbosa.



FIGURA 3: Oficina de auto maquiagem com Karin Oliveira.



FIGURA 4: Espaço Black Mirim.



FIGURA 5: Exposição de desenhos.



FIGURA 6: Mulheres que participaram e fizeram o evento Afrochic acontecer.

Fonte: <https://www.facebook.com/events/825267697541757/>





FIGURA 7: Oficina de turbantes com Neli Gomes da Rocha.



FIGURA 8: Cantora Janine Mathias.



FIGURA 9: Francisnéia Sadelli Afonso durante a oficina de turbantes.



FIGURA 10: Francisnéia Sadelli Afonso usando trança twist.